

CONCURSO EDITAL 044/2010 – PROGRAMA E BIBLIOGRAFIA

CAMPUS	ÁREA	PONTOS	BIBLIOGRAFIA
ALEGRETE	Materiais e Construção Rodoviária	1. Materiais asfálticos; 2. Agregados para construção rodoviária; 3. Materiais cimentícios; 4. Dosagem de misturas asfálticas e cimentícias; 5. Equipamentos para construção rodoviária; 6. Estabilização de solos; 7. Drenagem rodoviária; 8. Levantamento topográfico.	1. BERNUCCI, L.B. <i>et al.</i> Pavimentação Asfáltica: formação básica para engenheiros , Rio de Janeiro: PETROBRAS: ABEBA, 2006. 2. CASACA,J.M. Topografia Geral . São Paulo: LTC, 2007. 3. LOCH,C. e CORDINI, J. Topografia contemporânea: planimetria . Florianópolis: UFSC, 2007. 4. MEHTA,P.K. e MONTEIRO,P.J.M. Concreto:microestrutura, materiais e propriedades . São Paulo, IBRACON, 2008. 5. PINTO, S. e PRESSLER,E.S. Pavimentação Rodoviária . Rio de Janeiro: Copiarte, 2001. 6. RICARDO, H.S. e CATALANI, G. Manual prático de escavação: terraplanagem e escavação de rocha . São Paulo: PINI, 2007. 7. RODRIGUES, P.P.F., BOTACINI,S.M., GASPARETTO,W.E. Manual Gerdau de Pisos Industriais . São Paulo: PINI, 2006. 8. SENÇO, W. de. Manual de Técnicas de Pavimentação . Vol. 2. São Paulo: PINI,2001.
ALEGRETE	Programação e Estruturas de Dados	1. Ponteiros, funções e recursividade 2. Estruturas lineares e encadeadas (listas, filas, pilhas, deque) 3. Árvores (representações, percurso, árvore de busca) 4. Grafos (representação e algoritmos) 5. Métodos de pesquisa (sequencial, binária, hash) 6. Classificação de dados (bubble, quick, merge, heap, radix, counting, bucket) 7. Compressão de dados (codificação, compressão de sequências, código de Huffman) 8. Manipulação de dados (acesso a arquivos, acesso a dados persistentes, acesso a banco de dados) 9. Programação Orientada a Objetos 10. Testes e tratamento de exceções (programação por contrato, tratamento de exceções, depuração)	1. CELES, W.; CERQUEIRA, R.; RANGEL, J. L.. Introdução a Estruturas de Dados: com técnicas de programação em C . Campus, 2004. 2. CORMEN, T.; LEISERSON, C.; RIVEST, R.; STEIN, C.. Algoritmos: teoria e prática . Campus, 2002. 3. FEOFILOFF, P. Algoritmos em Linguagem C . Campus, 2008. 4. GOODRICH, M. T.; TAMASSIA, R.. Estruturas de Dados e Algoritmos em Java . 4a ed., Porto Alegre, Bookman, 2007. 5. MCCONNEL, S. Code Complete: guia prático para a construção de software . Bookman, 2005. 4. MEYER, B. Object-Oriented Software Construction . 2a ed., Prentice-Hall, 2000. 5. ZIVIANI, N.. Projeto de Algoritmos: com implementações em Java e C++ . São Paulo, Thomson Pioneira, 2007.

CAMPUS	ÁREA	PONTOS	BIBLIOGRAFIA
BAGÉ	Matemática	1. Limite e continuidade de funções de uma variável 2. Diferenciação de funções de uma variável 3. Integração de funções de uma variável 4. Séries numéricas 5. Séries de funções 6. Transformada de Laplace 7. Transformada de Fourier 8. Equações diferenciais de primeira ordem. 9. Equações diferenciais de segunda ordem 10. Solução em séries de equações diferenciais lineares de segunda ordem.	1. APOSTOL, TOM M. , CÁLCULO 1, Editorial Reverté, 1994. 2. GUIDORIZZI, H. L., UM CURSO DE CÁLCULO - VOL.1, Editora LTC, 2001. 3. LEITHOLD, L., CÁLCULO COM GEOMETRIA ANALÍTICA, VOL. 1, Editora Harbra, 1994. 4. WILLIAM E. BOYCE & RICHARD C. DIPRIMA, EQUAÇÕES DIFERENCIAIS ELEMENTARES E PROBLEMAS DE VALORES DE CONTORNO, Editora LTC, 2006

CAMPUS	ÁREA	PONTOS	BIBLIOGRAFIA
SÃO GABRIEL	Gestão Ambiental: Administração, Produção e Qualidade.	1.Fundamentos da Administração e da Gestão Ambiental 2. Administração, gestão ambiental e sociedade 3. Sistemas de Produção e produção sustentável 4. Logística operacional 5. Pesquisa operacional 6. Sistemas de Gestão Ambiental 7. Sistemas de Qualidade 8. Marketing ambiental e responsabilidade social	1. CARAVANTES, Geraldo R. Teoria Geral da Administração . Pensando e fazendo. Porto Alegre: AGE, 1998. 2. CHIAVENATO, Idalberto. Introdução à Teoria Geral da Administração . 7ª. ed. São Paulo: Makron Books, 2003. 3. CORREA, H. e GIANESI,I. Just in time, MRP II e OPT . Um enfoque estratégico. 2 ed.,São Paulo:Atlas, 1993. 4. CORREA, Henrique Luiz. Teoria Geral da Administração . São Paulo: Atlas, 2003. 5. DIAS, M.A. Administração de materiais: uma abordagem logística . 4 ed., São Paulo : Atlas,2009. 6. DURAN, J.M. A qualidade desde o projeto .São Paulo: Pioneira.s/d. 7. DRUCKER, Peter. Introdução à Administração . 4. ed. São Paulo: Pioneira, 1995. 8. MAXIMIANO, Antônio C. A. Teoria Geral da Administração. Da escola científica à competitividade em economia

		9. Gestão de projetos 10. Contabilidade Geral e Ambiental	globalizada. São Paulo: Atlas, 1997. 9. MARION, J.C. Contabilidade Empresarial. 14 ed.,São Paulo: Atlas,2009. 10. MOTTA, Fernando. Teoria Geral da Administração. São Paulo: Pioneira, 2000. 11. MOURA, Luiz Antonio Abdalla. Qualidade gestão ambiental. 5 ed. São Paulo: Juarez oliveira,2008. 12. MONTGOMERY, D.C. Introdução ao controle estatístico de qualidade. Rio de janeiro: LTC,2009. 13. KERZNER, H. Gestão de Projetos as melhores práticas. 2 ed., Porto Alegre: Bookman, 2006. 14. KOTLER, P. Administração de marketing: a edição do novo milênio. São Paulo: Prentice Hall,2000. 15. PAIVA, Paulo Roberto de. Contabilidade ambiental: evidencição dos gastos ambientais com transparência e focada na prevenção. São Paulo: Atlas, 2003. 16. PALADINI, E.P. Gestão da Qualidade Teoria e Prática. 2 ed., São Paulo: Atlas, 2009. 17. ROBBINS, Stephen P. Administração: mudanças e perspectivas. São Paulo: Saraiva, 2005. 18. STONER, James A. e FREEMAN, R. Edward. Administração. 5. ed. Rio de Janeiro: Prentice-Hall do Brasil, 1985. 19. JUNIOR, A.V. e DEMAJOROVIC, J. (org.). Modelos e ferramentas de gestão ambiental. Desafios e perspectivas para as organizações. São Paulo: editora Senac,2006 20. TACHIZAWA, T. Gestão Ambiental e Responsabilidade Social Corporativa. 5ed., São Paulo: Atlas,2008.
SÃO GABRIEL	Processos Tecnológicos e Meio Ambiente	1-Análise de Processos Tecnológicos 2- Balanço de massa 3- Recursos Energéticos 4- Plano Básico Ambiental – PBA. 5- Elaboração e Análise de Projetos 6- Análise ambiental de sistemas de tratamento de resíduos e efluentes 7- Gestão de resíduos 8- Controle Ambiental 9-Técnicas de Controle de Impactos. 10- Modelagem de processo envolvendo a determinação de níveis ótimos no uso de insumos	1. ANDREOLI, C.V et al. Reciclagem de Bio sólidos. Transformando problemas em Soluções. Curitiba: SANEPAR, 1999. 288p. 2. ANTONIUS, P. A. J. A exploração dos recursos naturais face à sustentabilidade e gestão ambiental: uma reflexão teórica conceitual. Belém: NAEA, 1999. 3. ARMANI, D. Como elaborar projetos? Guia prático para elaboração e gestão de projetos sociais. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2006. 4. ANDRADE NETO, C.O. Sistemas simples para tratamento de esgotos sanitários. Rio de Janeiro: ABES, 1997. 301 p. 5. AZEVEDO Fº, A.J.B.V. Análise econômica de projetos: "software" para situações deterministas e de risco envolvendo simulação. Piracicaba, 1988. 6. BERTALANFFY, L. V. Teoria geral dos sistemas. São Paulo: Vozes, 1977. 7. BACKHURST, J. R.; HARKER, J. H. Tecnologia química. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 8. BRAGA, B. et al. Introdução à Engenharia Ambiental. São Paulo: Prentice Hall. 2002. 9. BRAILE, P. M.; CAVALCANTI, J. E. W. A. Manual de Tratamento de Águas Residuais Industriais. São Paulo: GETESB, 1979. 10. BOLDRINI, José Luiz. Álgebra Linear. 3 ed., amp. E ver. São Paulo: Harbra,1986. 11. BROWN, L.R.; RENNER, M., FLAVIN, C. Vital signs 1997. New York: Norton & Company. New york. 1977. 165 p. 12. CAIXETA FILHO, J.V. Pesquisa Operacional. São Paulo, 2001. 13. CASAROTTO, Fº, N. et al. Gerência de Projetos. São Paulo: Atlas, 1999. 14. FELDER, R. M.; ROUSSEAU, R. W. Elementary principles of chemical processes. 3.ed. New York: John Wiley, 2000. 15. FARRET, F.A. Aproveitamentos de Pequenas Fontes de Energia Elétrica. Santa Maria: EDUFMS, 1999. 16. FOUST, A. <i>et al.</i> Princípios de operações unitárias. 2.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Dois,1982. 17. GOLDEMBERG, J. Energia no Brasil. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos. Editora, 1979. 18. GOMIDE, R. Operações unitárias. 2.ed. São Paulo,v.1,1991. 19. HIMMELBLAU, D. M. Engenharia Química Princípios e Cálculos, 6ª ed., Prentice Hall do Brasil Ltda., 1998. 20. HINRICHS, R.A. Energy. State University of New York. Philadelfia: 1992. 540 p. 21. IBAMA. Manual de recuperação de áreas degradadas pela mineração: técnicas de revegetação. Brasília, 1990, 96p. 22. KIEHL, E.J. Manual de Compostagem: Maturação e Qualidade do Composto. Piracicaba: E.J. Kiehl, 1998. 23. LA ROVERE, E.L. (coord.) Manual de Auditoria Ambiental de Estações de Tratamento de Esgotos. Rio de Janeiro: Qualitymark Ed., 2002. 24. LINS, G.E. Análise econômica de investimentos. Rio de Janeiro: APEC. 25. McCABE, W.L.; SMITH, J.C. Unit operations of chemical engineering. 5.ed. New York: McGraw-Hill, 1993. 26. MOTA, S. Introdução à Engenharia Ambiental. Rio de Janeiro: ABES, 1993. 27. PHILIPPI, JR. A. Saneamento, Saúde e Ambiente: fundamentos para um desenvolvimento sustentável. Barueri: Manole, 2004. 28. POMERANZ, L. Elaboração e análise de projetos. 2a. ed. São Paulo, HUCITEC, 1988. 29. PROSAB – Programa de Pesquisa em Saneamento Básico. Resíduos Sólidos Urbanos: Aterro Sustentável para Municípios de Pequeno Porte. Associação Brasileira de Engenharia Sanitária e Ambiental, Rio de Janeiro: 2003. 30. REIS, Lineu Belico; FADIGAS, Eliane A.; CARVALHO, Cláudio E. Energia, Recursos Naturais e a Prática do Desenvolvimento Sustentável. Baueri,SP: Manole,2005. 31. ROCHA, C.M. Legislação de Conservação da Natureza São Paulo: FBCN/CESP. 510p. 1983. 32. ROCHA, J. S. M. DA. Manual de Projetos Ambientais. Santa Maria, UFSM, 1997. 33. ROHDE, G. M. Estudos de Impactos Ambientais. Porto Alegre: CIENTEC, 1988. (Boletim Técnico, 4).

			34. SÁNCHEZ, L.E. Avaliação de Impacto Ambiental: conceitos e métodos. São Paulo: Oficina de Textos, 2006. 35. SANTOS, R.F. Planejamento Ambiental: teoria e prática. São Paulo: Oficina de Textos, 2004. 36. SEWELL, G. H. Administração e Controle da Qualidade Ambiental. São Paulo: EDUSP/CETESB, 1978. 37. SHREVE, R. N.; BRINK, J. Indústrias de processos químicos. 4.ed. São Paulo: Guanabara Dois, 1977. 38. VON SPERLING, M. Princípios do tratamento biológico de águas residuárias V. 1 Introdução á qualidade das águas e ao tratamento de esgotos. Belo Horizonte: DESA/UFMG, 1996. 39. VON SPERLING, M. Princípios do tratamento biológico de águas residuárias V. 2 Princípios básicos do tratamento de esgotos. Belo Horizonte: DESA/UFMG, 1996.
--	--	--	---

CAMPUS	ÁREA	PONTOS	BIBLIOGRAFIA
JAGUARÃO	Turismo Patrimonial e Planejamento de Eventos	1. Desenvolvimento regional e organização da atividade turística; 2. Planejamento e análise do patrimônio histórico cultural para o turismo; 3. Educação Patrimonial; 4. História e cultura da fronteira; 5. Legislação e proteção do Patrimônio Cultural 6. Classificação do Patrimônio Cultural 7. Noções de conservação e guarda de bens culturais 8. Cadastro e registro de bens culturais 9. Planejamento em Eventos: conceitos, tipos e etapas; 10. Planejamento em Eventos: cerimonial e protocolo 11. Gerenciamento de Eventos 12. Contratação de empresas para organização de eventos 13. Atuação na gestão de eventos	1. ANDRADE, José Vicente. Turismo: Fundamentos e Dimensões. São Paulo: Ática, 2000. 2. ANDRADE, Renato Brenol. Manual de Eventos. Caxias do Sul: EDUCS, 1999. 3. BARATA, Maria Cristina; BORGES, Márcia M. Técnicas de Recepção. Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 1998. 4. BARRETO, Margarita. Manual de Iniciação ao Estudo do Turismo. Campinas: Papirus, 2001. 5. _____-Turismo e legado cultural. Campinas: Papirus, 2000. 6. BENI, Mário Carlos. Análise estrutural do turismo. 9ª edição. São Paulo: SENAC, 2006 7. BRASIL, MINC, IPHAN. Cartas patrimoniais. Brasília: IPHAN, 1995. 8. CAMARGO, Haroldo Leitão. <i>Patrimônio Histórico e Cultural</i>, São Paulo: Aleph, 2002. 9. CASTRO, Sonia Rabello de.- <i>O Estado na preservação de bens culturais</i>. IPHAN, RJ 1991. 10. CESCÁ, Cleusa G. Gimenes. Organização de Eventos. São Paulo: Summus, 1997. 11. CHOAY, Françoise. A alegoria do patrimônio. São Paulo: UNESP, 2001. 12. FUNARI, J. Pinsky. Turismo e patrimônio cultural. São Paulo: Contexto, 2003. 13. FRIGERI, A. F. Turismo Cultural: O lado inteligente do Turismo. Brasilturis Jornal. São Paulo: 1997. 14. GASTAL, Susana. Turismo Imagens e Imaginários. São Paulo: Aleph, 2005. 15. GIACAGLIA, Maria Cecília. Organização de Eventos teoria e Prática. Pioneira Thomson Learning, 2004. 16. LEMOS, Carlos A. C. O que é patrimônio histórico. São Paulo: Brasiliense, 1987. 17. MICHEL, Margareth de Oliveira. Falando sobre Eventos. Manual de Planejamento e Execução. Primaz, 2003. 18. NUNES, Marina Martinez. Cerimonial para Executivos: um guia para execução e supervisão de eventos empresariais. 4a. edição. Porto Alegre: Doravante, 2006. 19. MURTA, Stela Maris. ALBANO, Celina org. <i>Interpretar o patrimônio: Um Exercício do Olhar</i> - Belo Horizonte ; Ed. UFMG : território Brasília, 2002. 20. RIBEIRO, Célia. Etiqueta na Prática: um guia moderno para boas maneiras. Porto Alegre: L&PM, 2000. 21. RIBEIRO, Célia. Boas Maneiras e Sucesso nos Negócios. Porto Alegre: L&PM, 2004. 22. SILVA, Isabel Rodrigues. Cerimonial e Protocolo. Um roteiro simples e seguro para garantir sucesso em eventos. Porto Alegre: Comunicação Integrada Editores, 1995.
JAGUARÃO	Teoria e Prática Pedagógica – Estágio Supervisionado	1. Escola frente as políticas inclusivas na Sociedade; 2. Organização administrativa e pedagógica da escola de Educação Infantil; 3. Concepções e Práticas de ensino na Educação Infantil; 4. Educação e Relações Étnico Raciais 5. Avaliação no contexto educacional brasileiro e na escola; 6. Tendências atuais de formação de professores e o lugar da pesquisa, das práticas de ensino e dos estágios curriculares; 7. Políticas Públicas e Projeto Político-Pedagógico na escola de Educação Infantil; 8. Educação por projetos na Educação Infantil e nos Anos Iniciais; 9. Estágio Supervisionado e a formação do professor de Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental; 10. Ensinar e Aprender na Educação Infantil e nos anos iniciais	1. APPLE, M. Política cultural e educação. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2001. 2. AZEVEDO & SCHNETZLER. O binômio Cuidar-Educar na Educação Infantil e a formação inicial de seus profissionais. Disponível em: www.anped.org.br/reunioes/28/textos/gt07/gt071011int.doc. Acesso em: 10/06/2009. 3. _____. Necessidades formativas de profissionais de Educação Infantil. Disponível em www.ced.ufsc.br/~nee0a6/telorse.PDF. Acesso em: 10/06/2009. 4. BRASIL (2003). Lei 10639, de 09 de janeiro de 2003. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. 5. BRASIL. Decreto nº 5626. Regulamenta a Lei nº 10436, de 24 de abril de 2002, e o artigo 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília: SEESP/MEC, 2005. 6. BRASIL. Diretrizes Nacionais para Educação especial na Educação Básica. SEESP/MEC, 2001. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/diretrizes.pdf. 7. BRASIL. RESOLUÇÃO CNE/CEB Nº 1, DE 5 DE JULHO DE 2000. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Brasília, MEC/CNE, 2000. 8. BRASIL- Referencial curricular nacional para a educação infantil (1998). Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. vol. 01- Brasília, MEC/SEF, 1998. 9. BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 19 de dezembro de 1996. Brasília: MEC, 1996. Disponível

			em: portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldbb.pdf 10. BRASIL. Declaração de Salamanca e Linhas de Ação Sobre Necessidades Educativas Especiais. Brasília: CORDE, 1994. 11. CUNHA, Maria Isabel da. Formatos avaliativos e concepção da docência. Campinas: Autores Associados. 2005. 12. DORNELLES, L. V. Infâncias que nos escapam – da criança na rua à criança cyber. Petrópolis; vozes, 2005. 13. FARIA, A. L. G.; DEMARTINI, Z. B. e PRADO, P. D. Por uma cultura da infância – metodologia de pesquisa com crianças. Campinas. SP: Autores Associados, 2002. 14. HARRISON, K.M.P.; CAMPOS, S.R.I.; TESKE, O.(Orgs.) Letramento e Minorias. Porto Alegre: Mediação, 2002. 15. HERNANDEZ, F. VENTURA, M. A Organização do currículo por projetos de trabalho. Porto Alegre: Artmed, 1998. 16. KINCHELOE, Joe L. Cultura Infantil: a construção corporativa da infância. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. 17. MARTINS FILHO, Altino J. (org.) Criança pede respeito: temas em educação infantil. Porto Alegre: Mediação, 2005. 18. MOREIRA, Antonio F. (org). Territórios Contestados – Currículo e os Novos Mapas Políticos e Culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. 19. MUNANGA, Kabengele. (org.). Superando o racismo na escola. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Continuada/Alfabetização e Diversidade, 2005. 20. OLIVEIRA, Zilda Ramos Educação Infantil: fundamentos e métodos Cortez, São Paulo, 2005. 21. SILVA, Maria Vieira; MARQUES, Mara Rúbia Alves (Org.). LDB: balanços e perspectivas para a educação brasileira. Campinas, SP: Alínea, 2008.
JAGUARÃO	Letras - Espanhol	1. “Las formas y usos del modo Imperativo en español.” 2. “La morfosintaxis del español en contraste con el portugués.” 3. “Los mecanismos de coesión textual en la organización del discurso.” 4. “Aspectos semánticos, estilísticos y pragmáticos de la lengua española.” 5. “Las estructuras gramaticales de la lengua española.” 6. “Definición, tipos y utilización de las perífrasis verbales.” 7. “Oraciones coordinadas y subordinadas. Definición y usos.” 8. “Regencia verbal. Definición y usos.” 9. “Significados y usos de los modos Indicativo y subjuntivo en español.” 10. “El sistema fonológico de la lengua española y un análisis contrastivo con el portugués.” Observação: as provas deverão ser redigidas e apresentadas em língua espanhola	1. ALARCOS LLORACH, Emilio. Gramática de la lengua española. Madrid: Espasa-Calpe, 1995. 2. ALMEIDA FILHO, José Carlos de (org.). Português para estrangeiro. Interface com o espanhol. São Paulo: Pontes, 1995. 3. BOSQUE, Ignacio y DEMONTE, Violeta. Gramática descriptiva de la lengua española. (vol. 1, 2 y 3.)Madrid: Espasa-Calpe, 1999. 4. CASTRO, Francisca. Uso de la gramática española. Madrid: Edelsa, 1997. 5. FERNÁNDEZ LÓPEZ, Sonsoles. Interlengua y análisis de errores en el aprendizaje del español como lengua extranjera. Madrid: Edelsa, 1997. 6. GILI GAYA, Samuel. Curso Superior de sintaxis española. Barcelona: Bibliograf, 1970. 7. GONZÁLEZ HERMOSO, Alfredo. Conjugar es fácil en español de España y de América. Madrid: Edelsa, 1998. 8. MATTE BON, Francisco. Gramática comunicativa del español. (tomos 1 y 2). Madrid: Edelsa, 1999. 9. SECO, Manuel. Gramática esencial del español. Madrid: Aguilar, 1972.
JAGUARÃO	Letras - Língua Materna	1. Relações entre inserção em práticas e eventos de letramento e usos sociais da língua; 2. Condições de produção, práticas discursivas e gêneros do discurso; 3. Os processos interacionais, a dialogicidade e suas implicações na leitura e na produção textual. 4. O ensino dos gêneros textuais Prática de produção de textos orais e escritos 5. Aprendizagem da língua materna: estrutura, uso e funções; 6. Ensino e aprendizagem da gramática normativa. 7. Língua oral e escrita; 8. Variações lingüísticas e norma padrão. 9. Coesão e coerência textuais; 10. O texto e a prática de análise lingüística.	1. Brasil, Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: MEC/SEF. Volume Língua Portuguesa, 1998. 2. Carneiro, Agostinho. Redação em construção. São Paulo: Moderna, 2001. Carone, F. de B. Morfossintaxe, 7. ed. São Paulo: Ática, 1998. 3. Chalhuh, Samira. Funções da Linguagem. São Paulo: Ática, 1989. Chiappini, L. Aprender e ensinar com textos didáticos e paradidáticos. São Paulo: Cortez, 1997. 4. CUNHA, C e CINTRA I. Nova gramática do português. Rio de janeiro: Nova Fronteira, 2001. 5. Fiorin, J.L. e Savioli, F.P. Lições de textos. 3. ed. São Paulo: Ática, 1996. 6. Geraldí, João Wanderley. O texto em sala de aula. São Paulo: Ática, 1997. 7. Kaufman, A.M. e Rodrigues, M.E. Escola. Leitura e produção de textos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. 8. Kleiman. A. Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura. Campinas: Pontes, 1993. 9. _____. Leitura e intertextualidade. São Paulo: Artes Médicas, 1999. 10. Koch, I.G.V. A coesão textual. São Paulo: Contexto, 1997. 11. Koch, I. L. Travaglia, Luis Carlos. Texto e coerência. São Paulo: Cortez, 1989. 12. Marcushi, Luiz Antonio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In Dionísio, A.P. et al. Gêneros textuais e ensino. 13. Moises, Massaud. Literatura brasileira: das origens aos nossos dias. São Paulo: Cultrix, 1995. 14. Rocha Lima, Carlos Henrique. Gramática Normativa da Língua Portuguesa, 26. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1985. 15. Soares, M.B. Linguagem e escrita: uma perspectiva social, 15. ed. São Paulo: Ática, 1997. 16. Val, M. da G.C Redações e textualidade. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes 17. Vanoye, Francis. Usos da linguagem. 11. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

CAMPUS	ÁREA	PONTOS	BIBLIOGRAFIA
URUGUAIANA	Políticas Públicas, Legislação e Gestão da Educação Básica.	1. Histórico e atual sistema da educação básica nacional; 2. Modalidades da educação (Educação de Jovens e Adultos, Educação Profissional, Educação Especial, Educação Indígena e Educação a Distância) no contexto socioeconômico, político e cultural nacional; 3. Constituições e leis educacionais no contexto social, político e cultural nacional; 4. Constituição Federal e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional; 5. Plano Nacional de Educação; 6. Gestão em educação e o Projeto Político Pedagógico da escola.. 7. Política educacional e o Estatuto da Criança e do Adolescente; 8. Diretrizes Nacionais para a formação docente da educação básica; 9. Políticas de Educação, formação docente e formação continuada; 10. Plano de carreira e valorização da formação docente na educação básica; 11. Fomento à educação básica e de valorização docente. 12. Política, Gestão e qualidade de ensino na educação básica. 13. Políticas educacionais e democratização da educação no Brasil	1. APPLE, M W. Política Cultural e Educação. São Paulo: Cortez. 2000. 2. BRASIL. Lei nº. 9394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em <www.planalto.gov.br >. 3. _____. Lei nº. 10.172/01 – Plano Nacional de Educação. Disponível em: <www.planalto.gov.br>. 4. _____. Lei nº 8069/90 - Estatuto da Criança e do Adolescente. Disponível em: <www.planalto.gov.br>. 5. _____. Lei nº 9394/96 – LDBN - Educação Especial. Disponível em: <www.planalto.gov.br>. 6. _____. Lei nº 10.098/94 - Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Disponível em: <www.planalto.gov.br>. 7. _____. Lei nº 10.436/02 - Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Disponível em: <www.planalto.gov.br>. 8. _____. Secretaria de Educação Básica. Parâmetros Curriculares Nacionais - Ensino Médio (PCNEM). Disponível em:<http://www.mec.gov.br>. 9. _____. Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil. Disponível em:<http://www.mec.gov.br>. 10. _____. Política Nacional de Educação Infantil: pelo direito das crianças de zero a seis anos à Educação. Disponível em:<http://www.mec.gov.br>. 11. _____. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais – Ensino Fundamental. Disponível em:<http://www.mec.gov.br>. 12. _____. Ministério da Educação. Resolução nº 2, de 19 de Fevereiro de 2002: Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. 13. _____. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Proposta Curricular para a educação de jovens e adultos. Brasília: MEC/SEF, 2002. 14. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Câmara de Educação Básica. Resolução nº 2, de 02 de abril de 1998: Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental. Disponível em:<http://www.mec.gov.br>. 15. _____. Câmara de Educação Básica. Resolução nº 3, de 26 de junho de 1998: Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Disponível em:<http://www.mec.gov.br>. 16. _____. Câmara de Educação Básica. Resolução nº 1, de 07 de abril de 1999: Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Disponível em:<http://www.mec.gov.br>. 17. DEMO, Pedro. A nova LDB: ranços e avanços. 3. ed. Campinas, SP: Papirus, 1997. - DUTRA, C.E.G. Guia de referência a LDB/96 – com atualizações. São Paulo: AVERCAMP, 2003. 18. FERREIRA, N.C. Gestão democrática na Educação: atuais tendências, novos desafios. São Paulo: Cortez, 1998. 19. GHIRALDELLI Jr., P. Filosofia e história da educação: da colônia ao governo Lula. 2 ed. Barueri: Manole, 2009. 20. _____. Democratização da escola pública: a pedagógica crítico-social dos conteúdos. São Paulo: Loyola, 1986. 21. RIBEIRO, M. L. S. História da Educação Brasileira: a organização escolar. 9 ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1989. 22. ROMANELLI, O. de O. História da educação no Brasil: (1930-1973). Petrópolis: Vozes, 1997. 23. SAVIANI, D. Escola e democracia. São Paulo: Cortez, 1984. 24. STREHL, A & R. ; ROCHA, I. Estrutura e Funcionamento do Ensino Fundamental e Médio: subsídios para alunos e professores, de acordo com a lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996 – LDB. 2. ed. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1998. 25. STEPHANOU, M.; BASTOS, M. H. C. Histórias e memórias da educação no Brasil. Século XX. Petrópolis: Vozes, 2005. 26. VEIGA, I. P. A.; FONSECA, M. (Orgs.). As dimensões do projeto político-pedagógico. 5 ed. Campinas: Papirus, 2007.
URUGUAIANA	Cosmetologia, Farmacotécnica, Estágio	1. Desenvolvimento farmacotécnico de formas farmacêuticas sólidas; 2. Desenvolvimento farmacotécnico de formas farmacêuticas semi-sólidas; 3. Desenvolvimento farmacotécnico de formas farmacêuticas líquidas não-estéreis; 4. Farmacotécnica de formas farmacêuticas líquidas estéreis; 5. Desenvolvimento e produção de medicamentos e cosméticos em sistemas nanoestruturados; 6. Cosméticos para pele: fotoprotetores, bronzeadores e simuladores de bronzeado; 7. Cosméticos de uso capilar: xampus, cremes, loções, géis e produtos especiais para cabelos; 8. Estabilidade de produtos cosméticos; 9. Boas Práticas de Manipulação; - Formas farmacêuticas: aspectos biofarmacêuticos.	1. ALLEN Jr., L. A.; POPOVICH, N. G.; ANSEL, H. C. Formas farmacêuticas e sistemas de liberação de fármacos. 8 ed. Porto Alegre: Artmed, 2007. 2. AULTON, M. E. Delineamento de Formas Farmacêuticas. 2 ed. São Paulo: Artes Médicas, 2005. 3. BAUMANN, L. Dermatologia cosmética: princípios e prática. Rio de Janeiro: Revinter, 2002. 4. BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Guia de Estabilidade de Produtos Cosméticos. 1ª edição. Brasília: ANVISA, 2004. 5. BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. RDC 67 de 08 de outubro de 2007 – Dispõe sobre as Boas Práticas de Manipulação de Preparações Magistrais e Oficiniais para Uso Humano em Farmácias. 2007. 6. FONSECA, A.; PRISTA, L. N. Manual de terapêutica dermatológica e cosmetologia. 2.ed. São Paulo: Livraria Roca, 2000. 7. GENNARO, A. R. Remington. A ciência e a prática da farmácia. 20 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004. 8. LE HIR, A. Noções de farmácia galênica , 6.ed. São Paulo: Andrei, 1997. - LIEBERMAN, HERBERT A; RIEGER, MARTIN M: BANKER, GILBERT S. Pharmaceutical Dosage Forms: Disperse systems. 2ªed. New York: Marcel Dekker. 1996. v.1, 2, 3. 10. PRISTA, L. N.; ALVES, A.C.; MORGADO, R. M. R. Tecnologia Farmacêutica. 6 ed. Lisboa: Fundação Calouste

			Gulbenkian, 2002, vol. 1. 11. PRISTA, L. N.; ALVES, A.C.; MORGADO, R. M. R. Tecnologia Farmacêutica. 5 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2006, vol. 2. 12. PRISTA, L. N.; ALVES, A.C.; MORGADO, R. M. R. Tecnologia Farmacêutica. 5 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008, vol. 3. 13. PRUNIERAS, M. Manual de cosmetologia dermatológica. 2.ed. São Paulo: Ed. Andrei,1994. 14. SINKO, P. Martin-Físico-farmácia e ciencias farmacêuticas. Porto Alegre: Artmed, 2008. 15. STORPIRTIS, S.; GONÇALVES, J. E.; CHIANN, C.; GAI, M. N. Biofarmacotécnica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009. 16. WILKINSON,J.B. (Ed). Harry's cosmetology . 7.ed. New York: Chemical, 1982.
URUGUAIANA	Tecnologia Farmacêutica, Tecnologia de Produtos Biológicos, Operações Unitárias Farmacêuticas, Estágio	1. Desenvolvimento e tecnologia de produção de produtos biológicos (medicamentos); 2. Desenvolvimento e tecnologia de produção industrial de formas farmacêuticas líquidas estéreis. 3. Desenvolvimento e tecnologia de produção industrial de formas farmacêuticas sólidas. 4. Desenvolvimento e tecnologia de produção de vacinas; 5. Produção de antibióticos por processos biotecnológicos; 6. Processos fermentativos aplicados à produção de medicamentos; 7. Validação de processos industriais farmacêuticos: processos produtivos, limpeza e sistemas de água de uso farmacêutico 8. Boas Práticas de Fabricação de Medicamentos, sistemas de qualidade e garantia da qualidade aplicadas à indústria de medicamentos 9. Operações unitárias aplicadas à produção de medicamentos; 10. Água de uso farmacêutico: purificação em escala industrial, parâmetros de controle, aplicação à produção.	1. ALLEN Jr., L. A.; POPOVICH, N. G.; ANSEL, H. C. Formas farmacêuticas e sistemas de liberação de fármacos. 8 ed. Porto Alegre: Artmed, 2007. 2. AULTON, M. E. Delineamento de Formas Farmacêuticas. 2 ed. São Paulo: Artes Médicas, 2005. 3. AVIS, K. E.; LIEBERMAN, H. A.; LACHMANN, L. Pharmaceutical dosage forms: Parenteral medication. New york: Dekker, 1992. v.1, v.2. 4. BORZANI, W.; SCHIMIDELL, W.; LIMA, U. A.; AQUARONE, E. Biotechnologia industrial: fundamentos. v. 1. São Paulo: Edgard Blücher, 2001. 5. BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. RDC 210 de 04 de agosto de 2003 - Regulamento técnico para as Boas Práticas de Fabricação de Medicamentos. 2003. 6. DEKKER, M. (Ed) Enzyme Technologies for Pharmaceutical and Biotechnological Applications. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. 7. GENNARO, A. R. Remington. A ciência e a prática da farmácia. 20 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004. 8. KIBBE, A. H. (ed). Handbook of pharmaceutical excipients. 3 ed. Washington: American Pharmaceutical Association, 2000. 9. KIRK-OTHMER (Ed.). Encyclopedia of Chemical Technology. 5th Edition. New York: Wiley-Interscience, 2005. 10. LACHMANN, L.; LIEBERMAN, H. A.; KANING, J. L. Teoria e Prática na Indústria Farmacêutica I volume Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001. 11. LACHMANN, L.; LIEBERMAN, H. A.; KANING, J. L. Teoria e Prática na Indústria Farmacêutica II volume Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001. 12. LIEBERMAN, HERBERT A; RIEGER, MARTIN M; BANKER, GILBERT S. Pharmaceutical Dosage Forms: Disperse systems. 2ed. New York: Marcel Dekker. 1996. v. 1, 2, 3. 13. LIEBERMAN, H. A.; LACHMANN, L.; SCHWARTZ, J. B. Pharmaceutical dosage forms: Tablets. New york: Dekker, 1990. 3v. 14. LIMA, U. A.; AQUARONE, E.; BORZANI, W., SCHIMIDELL, W. Biotechnologia industrial: processos fermentativos e enzimáticos, v. 3, São Paulo: Edgard Blücher, 2002. 15. PRISTA, L. N.; ALVES, A.C.; MORGADO, R. M. R. Tecnologia Farmacêutica. 6 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002, vol. 1. 16. PRISTA, L. N.; ALVES, A.C.; MORGADO, R. M. R. Tecnologia Farmacêutica. 5 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2006, vol. 2. 17. PRISTA, L. N.; ALVES, A.C.; MORGADO, R. M. R. Tecnologia Farmacêutica. 5 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008, vol. 3. 18. SWARBRICK, J. (Ed.) Encyclopedia of Pharmaceutical Technology. 3th Edition. London: Informa Healthcare, 2007. 19. USP 31. THE UNITED STATES Pharmacopoeia. 31th ed. Rockville: United States Pharmacopeial Convention, 2008. 20. VILA JATO, J. L. (ed.) Tecnología Farmacéutica. Madrid: Síntesis, v.1 e v.2, 1994.
URUGUAIANA	Imunologia Clínica, Imunologia Geral e Genética, Estágio	1. Aspectos gerais e Imunodiagnóstico das Hepatites Virais 2. Aspectos gerais e Imunodiagnóstico da infecção por HIV 3. Imunodiagnóstico das doenças parasitárias: Doença de Chagas e Toxoplasmose 4. Aspectos gerais e imunodiagnóstico das doenças auto-imunes Órgão-específicas 5. Fundamentos e aplicações dos imunoensaios utilizando reagentes marcados 6. Resposta imune humoral 7. Resposta imune mediada por células	1. VAZ , A.J., TAKEI, K., BUENO, E.C. Imunoensaios : Fundamento e Aplicações. Ed. Guanabara Koogan, 2007. 2. COURA, J R. Dinâmica das doenças infecciosas e parasitárias. 2 volumes. 1ª edição, editora Guanabara Koogan, 2006. 3. LICHTMAN, A. H., ABBAS, A. K. Imunologia Celular e Molecular. Editora Elsevier, 2005 4. ROITT, I., BROSTOFF, J., MALE, D. Imunologia. 6ª Edição, Editora Manole, 2003. 5. FERREIRA,W., ÁVILA, S.M.L. Diagnóstico Laboratorial das Principais doenças Infecciosas e Auto-imunes. 2ª Edição, Editora Guanabara Koogan, 2001. 6. JANEWAY, J.R. Imunobiologia: o sistema imune na saúde e na doença. Porto Alegre: Artes Médicas, 2007. 7. PARHAM, P. O sistema imune. Porto Alegre : Artmed, 2001. 8. STITES, D.P., TERR, A.I. Imunologia basica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004. 9. ROITT, I., BROSTOFF, J., MALE, D. Imunologia. Barueri: Manole, 2003 10. ROITT, I. M. & DELVES, P. J. Fundamentos de Imunologia, Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004 11. ABBAS, A.K., LICHTMAN, A.H. Basic Immunology: Functions and Disorders of the Immune System. Third

		8. Alergias e hipersensibilidade 9. O complexo de histocompatibilidade principal e suas funções 10. Manipulação da resposta imune 11. Bases genéticas e citológicas da hereditariedade 12. Bases cromossômicas da hereditariedade e alterações cromossômicas 13. Herança monogênica e multifatorial 14. Imunogenética 15. Genética e câncer	Edition. Editora Saunders Elsevier, 2008 12. BORGES-OSÓRIO, M. R. & ROBINSON, W.M. Genética Humana . Porto Alegre: Artemed, 2006; 459p. 2ª ed. 13. BURNS, G. W. & BOTTINO, P. S. Genética . Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 1991; 381p. 6ª ed. 14. GRIFFITHS, A. J. F., WESSLER, S. R., LEWONTIN, R. C., GELBART, W. M., SUZUKI, D. T., MILLER, J. H. Introdução à Genética . Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 2006; 743p. 8ª ed. 15. ZAHA, A. Biologia Molecular Básica . Mercado Aberto, 2003; 424p. 3ª ed. 16. SNUSTAD, D. P. & SIMMONSO, M. J. Fundamentos de Genética. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 2008; 903p. 4ª ed.
URUGUAIANA	Fisioterapia em Urologia, Ginecologia e Obstetrícia; Fisioterapia em Dermatologia e Estética; Supervisão de Estágio na área do concurso.	1. Alterações fisiológicas do organismo humano na gestação. 2. A Fisioterapia nas repercussões da gravidez no organismo materno. 3. Assistência Fisioterapêutica durante o preparo para o parto, no parto e no pós-parto. 4. Avaliação e tratamento fisioterapêutico na incontinência urinária feminina. 5. Avaliação e tratamento fisioterapêutico na incontinência fecal. 6. Fisioterapia no pré e pós-operatório da mastectomia. 7. Avaliação e tratamento fisioterapêutico do Linfedema em paciente com câncer. 8. Atuação Fisioterapêutica no pré e pós-operatório de cirurgia plástica estética e reparadora. 9. Intervenção Fisioterapêutica no paciente queimado. 10. Atuação Fisioterapêutica no envelhecimento cutâneo, fibroedema gelóide, gordura localizada, cicatriz hipertrófica e quelóide.	1. GUIRRO, E.; GUIRRO, R. Fisioterapia Dermato-funcional., São Paulo: Manole, 3 ed, 2004. 2. BORGES, FS. Dermato-funcional: modalidades terapêuticas nas disfunções estéticas. Ed. Phorte, 2006. 3. FONSECA, A e PRISTA, LN. Manual de Terapêutica Dermatológica e Cosmetologia. São Paulo: Roca, 2000. 4. WILLIAM E. PRENTICE. Modalidades terapêuticas para fisioterapeutas. ArtMed: Porto Alegre, 2 ed, 2004. 5. STEPHERSON, R.G.; O'CONNORS, L.J. Fisioterapia Aplicada à Ginecologia e Obstetrícia. São Paulo: Manole, 2 ed, 2004. 6. BARACHO, E. Fisioterapia aplicada à Obstetrícia , Uroginecologia e Aspectos de Mastologia. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007. 7. KISNER C.; COLBI L.A. Exercícios Terapêuticos: Fundamentos e Técnicas. São Paulo: Manole, 4 ed, 2004. 8. MORENO, A.L. Fisioterapia em Uroginecologia. São Paulo: Manole, 2 ed, 2009. 9. BEREK, J.S. Tratado de Ginecologia. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 12 ed, 1998. 10. GROSSE, D.; SENGLER, J. Reeducação perineal. São Paulo: Manole, 2002. 11. HARRIS, J.S.; LIPPMAN, M.E.; MORROW, M.;OSBORNE, C.K. Doenças da Mama. 2 edição, Guanabara Koogan, 2002. 12. CAMARGO, M. C.; MARX, A. G. Reabilitação física no câncer de mama. São Paulo: Roca, 2004. 13. BIAZÚS, J.V. & ZUCATTO, A.E. Cirurgia da mama. Porto Alegre: Artmed, 2005. 14. HERPERTZ. Edema e Drenagem Linfática. Diagnóstico e Terapia do edema. São Paulo: Roca, 2006. 15. LEDUC, Albert; LEDUC, Olivier. Drenagem Linfática: teoria e prática. São Paulo: Manole, 2000
URUGUAIANA	Fisioterapia em Neurologia, Cinesioterapia, Supervisão de Estágio na área do concurso.	1. Exercícios Terapêuticos: Exercícios passivos, ativos-livres, ativos-assistidos e resistidos - Características gerais, efeitos fisiológicos, indicações, contra-indicações e precauções. 2. Amplitude de Movimento e Alongamento Muscular: Características gerais, métodos terapêuticos para amplitude de movimento, efeitos fisiológicos, indicações, contra-indicações e precauções. 3. Métodos e técnicas de terapia por exercícios: a. Pilates b. Reeducação Postural Global 4. Métodos e técnicas utilizados no tratamento do pacientes neurológicos: a. Método Bobath b. Método Kabat 5. Fundamentos dos exercícios em cadeia aberta e fechada e sua aplicabilidade no tratamento dos distúrbios neurológicos. 6. Avaliação e Conduta Fisioterapêutica na Lesão Medular Congênita e Adquirida. 7. Avaliação e Conduta Fisioterapêutica nos Distúrbios Neurodegenerativos. 8. Avaliação e Conduta Fisioterapêutica no Tratamento da Paralisia Cerebral. 9. Avaliação e Conduta Fisioterapêutica no Tratamento do Acidente Vascular Encefálico. 10. Avaliação e Conduta Fisioterapêutica no Tratamento das Distrofias Musculares.	1. ADLER, S. S.; BECKERS, D.; BUCK, M. PFN: Facilitação Neuromuscular Proprioceptiva. São Paulo: Manole, 2 ed, 2007. 2. BEAR, M.; CONNORS, B. W.; PARADISO, M. A. Neurociências - <i>Desvendando O Sistema Nervoso</i> . Porto Alegre: Artmed, 3 ed, 2008. 3. BIENFAIT, M. Os Desequilíbrios Estáticos. São Paulo: Summus, 5 ed, 1995. 4. DAVIES, P.M. Exatamente no Centro. São Paulo. Manole, 1996. 5. DAVIES, PATRICIA M. Passos a seguir: <i>um manual para o tratamento da hemiplegia no adulto</i> . São Paulo. Manole, 1996. 6. DELISA, J.; GANS, B. Tratado de Medicina e Reabilitação: <i>Princípios e Prática</i> . São Paulo: Manole, 3ed, v1 e v2, 2002. 7. EFFGEN, S. Fisioterapia Pediátrica: <i>Atendendo às necessidades das crianças</i> . Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007. 8. FINNIE, N.R. O. Manuseio em Casa da Criança com Paralisia Cerebral. São Paulo: Manole, 3 ed, 2000. 9. HALL, C.; BRODY, L. Exercícios terapêuticos na busca da função. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2 ed, 2007. 10. KISNER, C.; COLBY, L. Exercícios Terapêuticos: fundamentos e técnicas. São Paulo: Manole, 4 ed, 2005. 11. LUNDT-EKMANUNDT, L. Neurociência - Fundamentos Para a Reabilitação. São Paulo: Elsevier, 3 ed, 2008. 12. MACKENZIE, E. Pilates Básico. São Paulo: Manole, 1 ed, 2006. 13. MOURA, E. W.; SILVA, P. A. C. Fisioterapia - <i>Aspectos Clínicos e Práticos da Reabilitação</i> . Artes médicas, 2 ed, 2009. 14. O'SULLIVAN, SUSAN B. Fisioterapia: <i>Avaliação e Tratamento</i> . São Paulo: Manole, 2004. 15. SHEPERD, R. Reabilitação Neurológica. São Paulo: Manole, 2007. 16. SHOUCARD, P. Fundamentos da Reeducação Global. São Paulo: É Realizações Ltda, 2003. 17. SHOUCARD, P. Reeducação Postural Global - Col. Corpo livre. São Paulo: Ícone, 5ed, 2001. 18. TECKLIN, S. Fisioterapia Pediátrica. Porto Alegre: Artmed, 3 ed, 2002. 19. TRIBASTONE, F. Tratado de exercícios corretivos: <i>aplicados à reeducação motora postural</i> . São Paulo: Manole, 2001. 20. UMPHRED, D. Reabilitação Neurológica, São paulo: Manole, 4 ed, 2004. 21. VIEL, E. O diagnóstico cinesioterapêutico: <i>concepção, realização e transcrição na prática clínica e hospitalar</i> . São Paulo: Manole, 2001.
URUGUAIANA	Fisioterapia em Geriatria e	1. Atuação do fisioterapeuta nas unidades básicas de saúde. 2. Atuação do fisioterapeuta nos programas de saúde.	1. BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria-Executiva. Direitos dos usuários dos serviços e das ações de saúde no Brasil: legislação federal compilada - 1973 a 2006. Brasília: MS, 2007.

	Gerontologia; Fisioterapia em Saúde Coletiva; Supervisão de Estágio na Área do Concurso.	3. Alterações anatômicas e fisiológicas do envelhecimento (Sistemas ósseo, articular, neuromuscular, nervoso, respiratório e cardiovascular). 4. Avaliação do idoso: Anamnese; Avaliação Funcional (Avaliação da dor, marcha, postura, desempenho físico, independência funcional e equilíbrio). 5. Abordagem fisioterapêutica no idoso com disfunções dos sistemas neurológico e músculo-esquelético. 6. Abordagem fisioterapêutica no idoso com disfunções do sistema músculo-esquelético (coluna vertebral). 7. Abordagem fisioterapêutica no idoso com disfunções do sistema cardiovascular. 8. Abordagem fisioterapêutica no idoso com disfunções do sistema respiratório. 9. Quedas: Fatores determinantes, conseqüências e intervenções. 10. Fisioterapia na promoção e prevenção da saúde do idoso: Avaliação e atuação fisioterapêutica.	2. BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Atenção Primária e promoção da saúde. 2007 3. CAMPOS, G. W.; MINAYO, M. C. A. M. Tratado de Saúde Coletiva. Rio de Janeiro: Hucitec, 2006. 4. GOLDING, D. Reumatologia em Medicina e Reabilitação. São Paulo: Atheneu, 2001. 5. GUCCIONE, A. A. Fisioterapia Geriátrica. 2.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002. 6. IRWIN, S.; TECKLIN, J. S. Fisioterapia Cardiopulmonar. São Paulo: Manole, 3 ed, 2003. 7. KISNER, C.; COLBY, L. A. Exercícios terapêuticos: fundamentos e técnicas. São Paulo: Manole, 4 ed, 2005. 8. LEE GOLDMAN, J.; BENNETT, C. Cecil: Tratado de Medicina Interna. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 22 ed, 2005. 9. O'SULLIVAN, S. B.; SCHMITZ, T. J. Fisioterapia - Avaliação e Tratamento. São Paulo: Manole, 4 ed, 2004. 10. REBELATTO J. R., MORELLI J. G. S. Fisioterapia Geriátrica: a prática da assistência ao idoso. São Paulo: Manole, 2 ed, 2007. 11. REZENDE, A. M. Saúde da Família: histórias, práticas e caminhos. São Paulo: Cortez, 2007. 12. UMPHRED, D. Reabilitação Neurológica. São Paulo: Manole, 4 ed, 2004.
URUGUAIANA	Avaliação em Fisioterapia; Amputações, Órteses e Próteses; Supervisão de Estágio na área do concurso.	1. Avaliação fisioterapêutica da coluna vertebral e da pelve. 2. Avaliação fisioterapêutica do membro superior. 3. Avaliação fisioterapêutica do membro inferior. 4. Avaliação fisioterapêutica em neurologia. 5. Avaliação fisioterapêutica em cardiologia e pneumologia. 6. Avaliação fisioterapêutica em amputações. 7. Atuação fisioterapêutica em amputações de membro inferior. 8. Atuação fisioterapêutica em amputações de membro superior. 9. Atuação fisioterapêutica na protetização. 10. Atuação fisioterapêutica na ortetização.	1. BOCOLINI, F. Reabilitação: amputados, amputações e próteses. 2ª Ed. São Paulo: Probe Editorial, 2000. 2. CARVALHO, J. A. Amputações de membros inferiores: em busca da plena reabilitação. 2ª Ed. São Paulo: Manole, 2003. 3. CARVALHO, J. A. Órteses – um recurso terapêutico complementar. São Paulo: Manole, 2006. 4. O'SULLIVAN, S.B., SCHIMITZ, T.J. Fisioterapia: avaliação e tratamento. 2 ed. São Paulo: Manole, 2000. 5. DeLISA, J. Tratado de medicina física e reabilitação: princípios e prática. 3ª Ed. São Paulo: Manole, 2001. 6. FIELD, Derek. Anatomia Palpatória. 2ª ed. São Paulo: Manole, 2002. 7. GOODMAN, Catherine Cavallaro; SNYDER, Teresa E. Kelly. Diagnóstico diferencial em fisioterapia. 3. ed Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002. 8. GROSS, Jeffrey; FETTO, Joseph; ROSEN, Elaine. Trad.: Vissoky, Jacques. Exame musculoesquelético. Porto Alegre: Artmed, 2000. 9. HOPPENFELD, S. Propedêutica Ortopédica:coluna e extremidades. RJ: Atheneu, 1999. 10. KENDALL, Florence Peterson; MCCREARY, Elizabeth Kendall; PROVANCE, Patrícia Geise. Músculos: provas e funções. 4. ed São Paulo: Manole, 1995. 11. KISSNER,C.A.e COLBY,L. Exercícios Terapêuticos:Fundamentos e Técnicas SP: Manole, 1992. 12. KOTTKE, F. J. & LEHMANN, J. F. Tratado de medicina física e reabilitação de Krusen. 4ª Ed. São Paulo: Manole, 1994. 13. LIANZA, Sérgio. Medicina de Reabilitação. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001. 14. MAKOFSKY, Howard W. Coluna vertebral: terapia manual. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.
URUGUAIANA	Ciências da Natureza e suas Tecnologias	1.Parâmetros curriculares nacionais para o ensino médio: Ciências da natureza e suas tecnologias. 2.Habilidades e competências para o ensino de ciências da natureza e os objetos de conhecimento em física, química e biologia. 3.Diretrizes curriculares para os cursos de formação de professores para a educação básica e a área de ciências da natureza e suas tecnologias. 4.Tecnologias educacionais no ensino de ciências da natureza e os objetos de conhecimento em física, química e biologia. 5. Recursos didáticos no ensino de ciências da natureza e os objetos de conhecimento em física, química e biologia. 6.A prática de ensino na formação docente e o papel do estágio supervisionado. 7.Noções sobre cultura, ciência e formas de produção de objetos de conhecimento em ciências da natureza e suas tecnologias. 8.Os eixos conceitual, temático e da atividade na organização e planejamento no ensino aprendizagem dos objetos de conhecimento em física, química e biologia. 9.A experimentação no ensino aprendizagem de ciências da natureza e suas tecnologias. 10. Avaliação e reflexão sobre o processo ensino aprendizagem no ensino de ciências da natureza e os suas tecnologias.	1. ASTOLFI, J.P. & DEVELAY, M. A Didática das Ciências. Campinas: Papirus, 2008. 2. BIZZO, Nélío. Ciência: fácil ou difícil? São Paulo: Atica, 1998. 3. BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. Exame Nacional do Ensino Médio. Documento Básico 2002. Brasília: MEC/INEP, 2002. 4. _____. Secretaria de Educação Básica. Parâmetros Curriculares Nacionais - Ensino Médio (PCNEM). Disponível em: <http://www.mec.gov.br>. 5. _____. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais – Ensino Fundamental. Disponível em: <http://www.mec.gov.br>. 6. _____. Ministério da Educação. Resolução nº 2, de 19 de Fevereiro de 2002: Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Disponível em: <http://www.mec.gov.br>. 7. _____. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Proposta Curricular para a educação de jovens e adultos. Brasília: MEC/SEF, 2002. 8. _____. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Câmara de Educação Básica. Resolução nº 2, de 02 de abril de 1998: Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental. Disponível em:<http://www.mec.gov.br>. 9. _____. Câmara de Educação Básica. Resolução nº 3, de 26 de junho de 1998: Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Disponível em:<http://www.mec.gov.br> 10. CARVALHO, A. M. P. Prática de Ensino. São Paulo: Pioneiras, 1998. 11. CHASSOT, A.; OLIVEIRA, R. (orgs.). Ciência, ética e cultura na educação. São Leopoldo: UNISINOS, 1998. 12. _____. Catalisando transformações na educação. Ijuí: UNIJUÍ, 1990. 13. DELIZOICOV, D.; ANGOTTI, J.A. e PERNAMBUCO, M.M. Ensino de Ciências: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2002. 14. LOPES, A. R.C. Conhecimento escolar: ciência e cotidiano. Rio de Janeiro: UERJ, 1999. 15. MALDANER, O. A. A formação inicial e continuada de professores de Química. Ijuí: UNIJUÍ, 2000.

			16. MORIN, E. Ciência com Consciência. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. 17. MORIN, E.. Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro. São Paulo: Cortez, 2000. 18. MORTIMER, E. F. Linguagem e formação de conceitos no ensino de ciências. Belo Horizonte: UFMG, 2000. 19. OLIVEIRA, R. J . A escola e o ensino de ciências. São Leopoldo: UNISINOS, 2000. 20. SANTOS, W..P. e SCHNETZLER, R.. P. Educação em Química: compromisso com a cidadania. Ijuí: UNIJUÍ, 1997. 21. VASCONCELLOS, M.J.E. Pensamento Sistemico: o Novo Paradigma da Ciência. Campinas, SP: Papirus, 2002.
URUGUAIANA	Nutrição Animal e Bovinocultura de Leite	1. Métodos para avaliação de alimentos e sistemas de expressão do valor protéico e energético dos alimentos. 2. Princípios básicos de formulação e cálculo de rações. 3. Exigências nutricionais e utilização dos nutrientes pelos ruminantes e monogástricos. 4. Manejo nutricional, sanitário e reprodutivo de gado leiteiro. 5. Fisiologia da Lactação e Dinâmica da Produção. 6. A cadeia produtiva do leite. Situação atual da bovinocultura, problemas e potencialidades. 7. Raças bovinas exploradas para leite: índices zootécnicos e padrão racial. Bem-estar do gado leiteiro	1. ANDRIGUETTO, J.M. et al. Normas e Padrões de Nutrição e Alimentação Animal. Curitiba, PR: Nobel. Revisão 2000/2001. 2. ANDRIGUETTO, J.M. et al. Nutrição Animal/ As Bases e os fundamentos da Nutrição Animal. Os alimentos. São Paulo: Nobel, 1990. 4ª ed. Vol 1 e 2. 3. BERTCHIELLI, T.T.; PIRES, A;V.; OLIVEIRA, S.G. Nutrição de ruminantes . Jaboticabal: FUNEP, 2006. 583p. 4. VALADARES FILHO, S. de C., et al. Tabelas brasileiras de composição de alimentos para bovinos. Ed. Universitária-UFV, Viçosa, MG. 2002.297p. 5. SILVA, D.J.; QUEIROZ, A.C. Análise de alimentos: métodos químicos e biológicos. 3ª ed., Viçosa-UFV, 2002. 235p. 6. BRITO, J.R.F. e Dias, J.C. A qualidade do leite. Juiz de Fora: EMBRAPA/Tortuga, 1998. 7. BRITO, J.R.F. e Britto, M.A. Qualidade higiênica do leite. Juiz de Fora: CNPGL, 1998. 8. KRUG, E.E.B.; Redin, O.; Kodama, H.K. et al. Manual da Produção Leiteira. 2ª ed. Porto Alegre: CCGL, 1993. 716p. 9. LUCCI, C. de S. Nutrição e manejo de bovinos leiteiros. São Paulo: Manole, 1997. 10. NATIONAL RESEARCH COUNCIL. Nutrient Requirements of Dairy Cattle. Sevent Revised Edition. 2001. Washington: National Academy Press.
URUGUAIANA	Patologia Geral e Especial Veterinária	1. Colheita e preservação de amostras de tecidos para análise histopatológica, microbiológica e toxicológica. 2. Técnicas de necropsia, análise histopatológica e colorações especiais. 3. Inflamação 4. Degenerações, necrose e apoptose. 5. Trombose, embolia e infarto. 6. Neoplasia 7. Patologia do sistema respiratório (Pneumonias de bovinos e suínos). 8. Patologia do sistema hematopoiético (Anemia, Linfomas, Doenças parasitárias). 9. Patologia do sistema digestório (Gastrites, enterites de ruminantes e eqüinos). 10. Patologia do fígado. 11. Patologia do sistema urinário (Inflamação e tumores). 12 Patologia do sistema nervoso (Malacia, meningoencefalites, parasitas). 13. Patologia do sistema reprodutor de macho e fêmea. 14. Patologia do sistema cardiovascular (Malformações, inflamações e parasitas). 15. Patologia do sistema locomotor (Miosites, doenças metabólicas do osso, fraturas).	1. Meuten DJ. Tumors in Domestic Animals, 4th. Iowa State Press, Ames, Iowa, 800 p. 2002 McGavin, MD. Zachary, JF. Pathologic Basis of Veterinary Disease, 4rd. Mosby Eslsevier, 1476p. 2007 2. Maxie, MG. Jubb, Kennedy & Palmer. Pathology of Domestic Animals: 5th. 3-V. 2007 3. Tokarnia C.H., Döbereiner J. & Peixoto P. V. Plantas Tóxicas do Brasil. Editora Helianthus 310p. 2000 4. CHEEVILLE, N.F. Introdução à patologia veterinária. 2 ed. São Paulo: Roca,2004. 334p. 5. BRASILEIRO FILHO, G. Bogliolo: Patologia Geral, 3º edição, Rio de Janeiro:Guanabara Koogan, 2004., 367p. 6. JONES, C.J., HUNT, R.D., KING, N.W., Patologia veterinária. 6ºed., Manole, 2000, 1415p.
URUGUAIANA	Clínica Médica de Pequenos Animais e Diagnóstico por Imagem	1. Afecções do sistema gastrointestinal. 2. Afecções do sistema cardiovascular: 3. Afecções do sistema respiratório: 4. Afecções do sistema nervoso. 5. Endocrinopatias. 6. Dermatopatias: 7. Afecções do sistema urinário. 8. Desequilíbrio hidroeletrólítico e ácido-básico. 9. Avaliação radiográfica de tórax. 10. Avaliação radiográfica de abdomen. 11. Avaliação ultrassonográfica de abdomen.	1. ETTINGER, S.J.; FELDMAN, E.C. Tratado de Medicina Interna Veterinária: Doenças do Cão e do Gato. 5 ed. São Paulo: Guanabara Koogan, 2004. 2. FELDMAN, E.C.; NELSON, R.W. Canine and Feline Endocrinology and Reproduction. 2 ed. Philadelphia: Saunders Company, 1996. 3. BICHARD, SHERDING. Manual Saunders of Small Animal Practice, 3 ed. Elsevier, 2005, 2032p. 4. HARVEY, R.G.; MCKEEVER, P.J. Manual Colorido de Dermatologia do Cão e do Gato – Diagnóstico e Tratamento. Rio de Janeiro: Revinter, 2004. 5. MEDLEAU, L.; HNILICA, K.A. Dermatologia de Pequenos Animais: Atlas Colorido e Guia Terapêutico. São Paulo: Roca, 2003. 6. SCOTT, D.W. et al. Dermatologia de Pequenos Animais. 5 ed. Rio de Janeiro: Interlivros, 1996. 7. NELSON, R.W.; COUTO C.G. Medicina Interna de Pequenos Animais. 3 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006. 8. BELERENIAN, G. et al. Afecciones cardiovasculares en pequeños animales. 2 ed. Inter-medica editorial, 2007. 656p. 9. NORSWORTHY, G.D. et al. O Paciente Felino. 2 ed. São Paulo: Manole, 2004. 10. CHANDLER, E. A., et al. Medicina em Felinos e Terapêutica. 3 ed. São Paulo: Roca, 2006. 11. THRALL, D. Textbook of Veterinary diagnostic radiology. 5 ed. WB Saunders, 2007, 880p. 12. NYLAND, T; MATTOON, J. Ultra-som diagnóstico em pequenos animais. 2 ed. Editora Roca, 2004. 506p.

			13. FARROW, C. Veterinary Diagnostic Imaging – the dog and the cat , vol. 1. Mosby. 2003, 800p.
URUGUAIANA	Anestesiologia e Terapêutica Veterinária	1. Medicação pré-anestésica 2. Planos e estágios anestésicos 3. Anestesia geral 4. Anestesia local 5. Dor e analgesia 6. Fluidoterapia 7. Aparelhos, sistemas e monitoração anestésica 8. Anestesia em pacientes de risco 9. Bloqueadores neuromusculares e miorrelaxantes de ação central 10. Antifúngicos 11. Antibióticos e quimioterápicos 12. Antiinflamatórios esteroidais e não esteroidais	1. ADAMS, R. Farmacologia e Terapêutica em veterinária . Rio de Janeiro: Guanabara Koogan 8ª Ed. 2003, 1048p. 2. ANDRADE, S.F. Manual de Terapêutica Veterinária . São Paulo:Editora Roca 3ª Ed. 2008, 936p. 3. DOBERTY, T.; VALVERDE, A. Manual de anestesia & analgesia em eqüinos . Ed. Roca 2008, 352p. 4. FANTONI, D.T. & CORTOPASSI, S.R.G. Anestesia em Cães e Gatos . São Paulo: Editora Roca, 2002. 5. MASSONE, F. Anestesiologia Veterinária . 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1999. 6. MUIR, W. W. & HUBBELL, J. A. E. Handbook of veterinary anesthesia . 3. ed. St. Louis: The C. V. Mosby Company, 2000. 7. SPINOSA, H. S.; GÓRNIK, S. L.; BERNARDI, M. M. Farmacologia aplicada à Medicina Veterinária . 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1999. 8. THURMON, J. C.; TRANQUILLI, W. J.; BENSON, G. J. Lumb & Jones' veterinary anesthesia . 3. ed. Baltimore: Williams & Wilkins, 1996. 9. THURMON, J. C.; TRANQUILLI, W. J.; BENSON, G. J. Essentials of Small Animal Anesthesia & Analgesia . Baltimore: Lippincott Williams & Wilkins, 1999. 10. HALL, L. W. & CLARKE, K. W. Anestesia Veterinária . 8. ed. São Paulo: Manole, 1987. 11. MUIR, W. W. & HUBBELL, J. A. E. Equine anesthesia . St. Louis: Mosby-Year Book, 1991. 12. ANDRADE, S.F. Manual de Terapêutica Veterinária . São Paulo: Ed. Roca, 2002. 13. BOOTH, N.; McDONALD, L. Farmacologia e Terapêutica em Veterinária . 6. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1992. 14. HARVEY, R.; CHAMP, P. Farmacologia Ilustrada . Porto Alegre: Ed. Artes Médicas Sul Ltda, 1996.
URUGUAIANA	Clínica Médica de Grandes Animais e Diagnóstico por Imagem	1. Afecções do sistema digestório de ruminantes 2. Afecções do sistema digestório de equinos 3. Afecções do sistema respiratório 4. Alterações nutricionais e metabólicas 5. Afecções do sistema nervoso 6. Afecções do sistema genitourinário 7. Neonatologia 8. Afecções do sistema locomotor 9. Desequilíbrio hidroeletrólítico e ácido-básico 10. Dermatopatias 11. Avaliação radiográfica do sistema locomotor de grandes animais 12. Ultrassonografia em tendões de grandes animais	1. FARROW, C. Veterinary Diagnosstic Imaging- The horse . Saunders, 2005. 592p. 2. NICOLETTI, J.L.M. Manual de Podologia Bovina , Barueri: Manole, 2003. 130p. 3. O'BRIEN, T. Radiologia de equinos . Ed. Roca 2006, 256p. 4. PUGH, D. G. Clínica de Ovinos e Caprinos . São Paulo: Roca, 2005. 528p. 5. RADOSTITS, O.M. et al. Clínica Veterinária, um tratado de doenças dos bovinos, ovinos, suínos, caprinos e equinos . 9 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002. 1737p. 6. REBHUN, W.C. Doença de Gado Leiteiro . São Paulo: Roca, 2000. 648p. 7. REED, S. et al. Equine internal medicine . Ed. Saunders. 2ªEd. 2004. 1680p. 8. REEF, V. Equine diagnostic ultrasound . Saunders, 1998. 580p. 9. ROBINSON, E. Current therapy in equine medicine . 6ªEd. Saunders 2009, 1104p. 10. SCOTT, D.; MILLER, W. Equine dermatology . Saunders. 2003. 840p. 11. SMITH, B.P. Medicina Interna de Grandes Animais . 3.ed. São Paulo: Manole, 2006. 1728 p. 12. STASHAK, T. Claudicação em equinos segundo Adams . Ed. Roca. 5ª Ed. 2006. 1012p. 13. THOMASSIAN, A. Enfermidades dos cavalos . Ed. Varela, 4ªEd. 2005. 608p.
URUGUAIANA	Biologia Geral: Embriologia, Fisiologia, Genética	1. Ácidos nucléicos e princípios genéticos 2. Genética molecular e mendeliana 3. Melhoramento genético animal. 4. Desenvolvimento ontogenético de animais aquáticos continentais: do zigoto ao embrião: caracterização das etapas clivagem, gastrulação, morfogênese e organogênese. 5. Organização morfofuncional dos anexos embrionários (âmnio, vesícula vitelínica, córion, alantóide e placenta) 6. Mutações cromossômicas 7. Embriologia comparada de peixes, anfíbios e mamíferos. 8. Melhoramento genético de peixes e anfíbios. 9. Fisiologia animal comparada. 10. Fisiologia da reprodução de animais aquáticos. 11. Sistema respiratório de organismos aquáticos: crustáceos, peixes e anfíbios 12. Sistema digestório de organismos aquáticos: crustáceos, peixes e anfíbios	1. BOWMAN, J.C. 1981. Introdução ao melhoramento genético animal . Editora da Universidade de São Paulo. 87 p. 2. CARDELLINO, R.A.; ROVIRA, J.S. 1987. Mejoramento Genético Animal . Editorial Hemisferio Sur. Montevideo. 253 p. 3. DE ROBERTIS ; DE ROBERTIS – Bases da Biologia Celular e Molecular . Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1993. 4. GRIFFITHS, A.J.F., et al. 1998. Introdução a Genética . Rio de Janeiro, Ed. Guanabara Koogan, 6ª ed. 5. GRIFFITHS, A.J.F. et al. Genética Moderna . Rio de Janeiro, Ed. Guanabara Koogan. 2002. 6. JUNQUEIRA, L. C. V. & CARNEIRO, J. Biologia Celular e Molecular . Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000. 7. JUNQUEIRA, L. C. V. & CARNEIRO, J. Noções Básicas de Citologia, Embriologia e Histologia . São Paulo: Nobel, 2000. 8. RANDALL, D.; BURGGREN, W. e FRENCH, K. 2000. Fisiologia Animal – Mecanismos e Adaptações . 4ª ed. Guanabara Koogan, Rio de Janeiro. 9. SCHMIDT-NIELSEN, K. 2002. Fisiologia Animal. Adaptação e Meio Ambiente . 5ª ed. São Paulo, Santos-Livraria Editora. 10. WITHERS, P.C. 1992. Comparative Animal Physiology . Forth Worth, Saunders College Publishing. 11. BARNES, R.B. 1984. Zoologia dos Invertebrados . 4ª ed. São Paulo, Livraria Roca Ltda. 12. JOAO CAMILO MILAGRES, M.G, 1a. ED. MELHORAMENTO ANIMAL: SELECAO 2a. EDICAO, IMPRENSA UNIVERSITARIA. UFV, 1980 - UFV 1980. 13. MOORE, K.L.; PERSAUD, T.V.N. Embriologia Básica . 50 ed. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 2000.453p 14. POUGH, F.H., HEISER, J.B. & McFARLAND, W.N. 1999. A Vida dos Vertebrados . 2ª ed. São Paulo, Atheneu Editora. 15. PROSSER, C.L. 1991. Comparative Animal Physiology - Environmental and Metabolic Animal Physiology . 4th. ed.

			New York, Willey - Liss. 16. WILMER, P., STONE, G., JOHNSTON, I. A. 2004. Environmental Physiology of Animals. 2^a ed. Blackwell Publishing. 17. WOLPERT, L. <i>et al.</i> Princípios de Biologia do Desenvolvimento. Porto Alegre, Editora Artes Médicas, 2000. 18. COLLARES, T. Animais transgênicos: princípios e métodos; São Carlos/SP: Suprema, 2005. 348p 19. BROWN, T.A. Clonagem Gênica e análise de DNA: Uma introdução; 4 ed. Porto Alegre: Artmed, 2003. 376p 20. SUZUKI, D.T.; et. al; Introdução à genética; 4 ed. Rio de Janeiro, Editora Gunabara Koogan S.A, 1992. 634p.
--	--	--	--